

# Opinião



VÍTOR AGUIAR E SILVA

## A crise política na Catalunha

**P**oderá parecer a alguns leitores que a situação política e social da Catalunha é um problema distante que não justifica que o autor desta crónica lhe preste atenção e que os leitores do *Diário do Minho* lhe concedam breves minutos de reflexão. Penso que esses leitores estão equivocados, porque o que se tem passado e vai continuar a suceder na Catalunha afecta profundamente a estabilidade geopolítica, social e económica de toda a Península Ibérica e por conseguinte Portugal não se pode alhear deste problema. Mais alargadamente, a crise da Catalunha levanta questões politicamente complexas e relevantes para toda a Europa ocidental.

As eleições que se realizaram na região autónoma da Catalunha, no passado dia 21 de Dezembro, constituíram uma medida indispensável para clarifi-

### A crise da Catalunha demonstra que o nacionalismo está a renascer e a ganhar alento na Europa, contra a lógica política que tem orientado a União Europeia.

car em parte a situação política e social, reconduzindo para o campo político o que era essencialmente uma questão política e não uma questão jurídica e muito menos uma questão de âmbito policial. As eleições decorreram ordeiramente, com liberdade de expressão e sem violência ou fraudes, com reduzida abstenção, embora com alguns condicionalismos anómalos: vários políticos independentistas foram presos e Carles Puigdemont, o astuto ex-presidente da *Generalitat*, auto-exilou-se em Bruxelas. Estes condicionalismos anómalos, aliás, só terão favorecido eleitoralmente as forças partidárias independentistas.

Contrariamente às expectativas do Governo de Espanha, as eleições de 21 de Dezembro não clarificaram a situa-

ção política, porque os partidos independentistas obtiveram a maioria dos mandatos no parlamento catalão, embora o partido *Ciudadanos* que venceu o prélio eleitoral, tanto em números de mandatos parlamentares como em número de votos expressos, seja inequivocamente anti-independentista. O desaire eleitoral do Partido Socialista da Catalunha e sobretudo a derrocada humilhante do Partido Popular – o partido do Presidente do Governo, Mariano Rajoy, vítima de múltiplos episódios de corrupção política – não permitem todavia a formação de uma maioria parlamentar favorável à continuidade da Catalunha como uma região autónoma do Estado de Espanha. Como reconheceu Inés Arrimadas, a jovem, corajosa e inteligente leader de *Ciudadanos*, os números são o que são e não são manipuláveis.

Os conflitos e as fracturas de toda a ordem que ensombram a Catalunha tornam muito difícil e incerto o diálogo cívico e político entre o bloco independentista, os partidos denominados constitucionais e o Governo de Espanha. Em meu entender, cabe a este último, como responsável, democraticamente legitimado, pela governação de toda a Espanha, tomar a iniciativa desse diálogo, sem manifestações de prepotência nem ameaças de tipo jurídico, policial ou militar, embora não pactuando com os extremismos e as ilegalidades independentistas. No cerne desse diálogo deverá estar a modificação da constituição espanhola no sentido de uma organização federal do Estado.

A crise da Catalunha demonstra que o nacionalismo está a renascer e a ganhar alento na Europa, contra a lógica política que tem orientado a União Europeia. Basta atentar nos exemplos do País Basco, da Escócia, da Flandres, da Lombardia, da Hungria e da Polónia. São séculos de história, de tradições linguísticas e culturais, de memórias de triunfos e derrotas, que marcaram indelevelmente a vida colectiva das nações europeias. O perigo para a Europa é o exacerbamento xenófobo, racista e potencialmente bélico destes nacionalismos populistas que podem levar ao poder demagogos, ditadores e tiranos. A liberdade política e a sã convivência cívica são valores fundamentais que a Europa tem de preservar e fortalecer.

O autor não escreve segundo o chamado «acordo ortográfico»



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com

OS DIAS DA SEMANA

## Mulheres e homens para 2018

**P**or esta altura, multiplicam-se os balanços. Podem servir para selecionar as palavras ou os números do ano; os acontecimentos; os concertos, as exposições, os filmes e os livros; as personalidades. Entre o fim de um ano e o início de outro, foram várias as publicações que quiseram chamar a atenção para mulheres e homens do passado e do presente que poderão ser inspiradoras em 2018.

A revista *Psychologies* elegeu “20 mestres de vida”. A lista inclui gente muito variada: uma filósofa, Hannah Arendt; um cientista, Albert Einstein; um santo, Francisco de Assis; uma judia morta num campo de concentração, Etty Hillesum; um psicanalista, Jacques Lacan; um filósofo, Emmanuel Lévinas; um aviador e escritor, Antoine de Saint-Éxupéry; e uma santa, Teresa de Ávila.

Outra revista, *Le Monde des Religions* selecionou “22 mestres de sabedoria”, apresentados como “fontes de inspiração intemporal”. A lista começa em Confúcio e termina em Thich Nhat Hanh, um monge budista. Pelo meio há sábios judaicos, Baal Shem Tov ou Martin Buber; cristãos, Hildegard von Bingen ou Francisco de Assis; e islâmicos, Ibn Arabi. Outros, como Ramana Maharshi, Jiddu Krishnamurti, Mahatma Gandhi e Ma Andanda Moyi, vêm do Oriente. De África, chega Nelson Mandela e, dos Estados Unidos da América, Martin Luther King.

A escolha da *Aleteia* recaiu nas 10 pessoas que deram a vida pelos outros em 2017. Uns não são totalmente desconhecidos. É o caso de Ignacio Echeverría e de Henri Burin des Rozières. O primeiro, “o ‘herói do skate’ dos atentados de Londres”, no dia 3 de Junho, em vez de fugir, enfrentou e lutou contra um terrorista, salvando assim a vida de várias pessoas que conseguiram escapar. Morreria depois esfaqueado por outros terroristas. O segundo, “advogado dos camponeses no Brasil” defendeu os camponeses injustamente presos, torturados e, muitas vezes, assassinados e as suas famílias. Conseguiu, no ano 2000, que, pela primeira vez, um fazendeiro fosse condenado pelo assassinato de um líder sindical, o que lhe valeria abundantes ameaças de morte, tendo sido prometida uma recompensa de 50 mil reais a quem o matasse. Burin des Rozières morreu em Paris em Novembro.

Sobre, por exemplo, Gaetano Nicosia, “o ‘anjo dos leprosos’ na China”; Sudha

Varghese, “a libertadora das ‘intocáveis’ na Índia”; Marta Mya Thwe, “a ‘Madre Teresa da Birmânia””; Christopher Hartley, que quer levar água potável aos etíopes; Rafała Włodarczak, “‘mãe dos órfãos’ do conflito entre palestinianos e israelitas”; Rosemary Nyirumbe, que luta por um futuro digno para as meninas-soldado do Uganda; e Paolo Cortesi, acolhedor de refugiados; terá sido difícil ter lido ou escutado alguma notícia.

A revista *Géo* apresenta um número especial sobre os “heróis que mudam o mundo”, dando conta do trabalho admirável que empreendem em cinco áreas. A “preservar a Terra”, encontram-se Sarah Toumi, que quer reverdejar a Tunísia e dar trabalho às agricultoras; Cary Fowler, criadora, na Noruega, de um “cofre-forte” da biodiversidade, que recebe sementes do mundo inteiro; e Valérie Cabanes, uma jurista que defende povos autóctones face aos abusos das multinacionais mais poluentes. A “melhorar o quotidiano”, estão Bunker Roy, fundador de uma ONG indiana que dá formação em engenharia solar a mulheres analfabetas, para iluminar as povoações isoladas e desprotegidas; e Jack Sim, que se bate para que toda a gente tenha acesso a quartos de banho. A “transformar o espaço urbano”, estão Kimbal Musk, um pioneiro da agricultura urbana nos Estados Unidos da América, e Daan Roosegaarde, um designer que concebeu torres despoluentes para tornar as cidades mais belas e mais limpas. A “cuidar dos vivos”, apresentam-se Conor Walsh, um sobredotado da robótica médica, que forjou um dispositivo que recupera mais rapidamente as vítimas de AVC; Andrew Bastawrous, que salva os olhos com um *smartphone*, ao diagnosticar atempadamente as patologias oculares das populações africanas isoladas; Alain Brunet, um psicólogo empenhado em curar traumas; e Mehmet Yigit, um químico que concebeu um teste rápido e barato para despistar o vírus do Ébola. Por fim, a “defender uma ética”, temos Latifa Ibn Ziaten, uma mãe que se tem manifestado contra a radicalização islamista; Laxmi Agarwal, uma indiana que, depois de ter ficado desfigurada por causa de um ataque com ácido, decidiu ajudar as mulheres a quem ocorreu o mesmo; e Silva Watt-Cloutier, um esquimó empenhado em salvar os povos do Ártico. Não falta gente que vale a pena conhecer, mulheres e homens exemplares, que ajudam a construir um mundo melhor.